ESTADOS UNIDOS

Hegemonia em xeque

Pesquisas indicam que democratas devem perder controle da Câmara, nas eleições legislativas de amanhã. Disputa pelo Senado continua indefinida. Partido de Biden conta com maioria nas duas casas do Congresso. Derrota pode dificultar governabilidade

» RODRIGO CRAVEIRO

Além de todos os 435 assentos da Câmara dos Representantes e de 35 das 100 cadeiras do Senado, a própria governabilidade de Joe Biden e as pretensões políticas do ex-presidente Donald Trump estarão em jogo nas eleições legislativas de amanhã. As mais recentes pesquisas indicam que o Partido Democrata perderá o controle da Câmara para o Partido Republicano, na oposição desde 2020, quando Biden venceu e impediu o magnata de se reeleger. O desastre poderá ser ainda pior: a maioria democrata do Senado está por um fio, e as sondagens apontam resultado em aberto. Especialistas acreditam que, caso os governistas deixem de ter o domínio da Câmara, Biden terá extrema dificuldade para governar e poderá se transformar em "pato manco" — um presidente sem expectativa de poder e, por circunstâncias alheias, incapaz de governar de fato.

As eleições de amanhã ocorrerão à sombra do pleito de 2020, quando Trump tentou instilar o ódio de simpatizantes ao alegar fraude, mesmo sem provas. Na última quarta-feira, Biden advertiu que a não aceitação do resultado das urnas "abre o caminho para o caos". "Em um ano normal, não somos frequentemente confrontados com o questionamento se o voto que damos preservará a democracia ou a colocará em risco", declarou o presidente.

Líder da minoria republicana na Câmara, Kevin McCarthy, criticou Biden por supostamente "não tratar das principais preocupações dos americanos". "Os republicanos vencerão de forma convincente e ajudarão a colocar os Estados Unidos de volta nos trilhos", escreveu no Twitter. O otimismo de McCarthy é compartilhado por Trump. "Muito, muito, muito provavelmente o farei de novo", disse o ex-presidente sobre outra candidatura presidencial. "Preparem-se, é tudo o que digo. Em breve", afirmou, na noite de quinta-feira, durante comício em Iowa. "Vamos recuperar o Congresso, vamos recuperar o Senado. E em 2024, recuperaremos nossa magnífica Casa Branca."

Diretor de Experimentos da campanha de Barack Obama, em 2012, e professor de ciência política da Temple University (na Filadélfia, Pensilvânia), David Nickerson afirmou ao **Correio** que as pesquisas recentes indicam uma ampla derrota dos democratas na Câmara dos Representantes. "O controle do Senado é uma questão de loteria, neste momento. Parece muito improvável que os democratas possam manter a maioria em ambas as câmaras do Congresso", previu.

De acordo com Nickerson, independentemente do resultado da votação de amanhã, os republicanos prejudicaram a capacidade de Biden de aprovar legislações, ao bloquearem projetos de lei no Senado. "Se os republicanos ganharem o controle da Câmara, eles impedirão a passagem de toda a legislação e começarão a usar seus poderes de investigação para envergonhar o governo Biden. Caso os republicanos obtenham o controle do Senado, Biden não será capaz de nomear nenhum juiz para a Suprema Corte, pois os republicanos se recusarão a confirmá-los", advertiu.

Por isso, o especialista aposta que Biden terá dificuldades em cumprir muito de seu plano de governo e será forçado a lançar mão de ordens executivas com uma frequência maior do que Barack Obama. Para David Barker, professor de governo e diretor do Centro para Estudos Legislativos e Presidenciais da American University, os democratas quase certamente perderão a Câmara — provavelmente cerca de 25 assentos — e têm uma chance de 50% de perderem o Senado.

Barker acredita que Biden será um "pato manco" nos últimos dois anos de mandato. "Geralmente, presidentes não fazem muita coisa na segunda metade de mandato, pois as atenções costumam se focar na próxima eleição. Se os republicanos tomarem uma das Casas do Congresso, Biden e os democratas não aprovarão nenhuma legislação significativa. No entanto, o presidente ainda terá considerável poder na política externa, e espero que ali ele focará toda a sua energia."

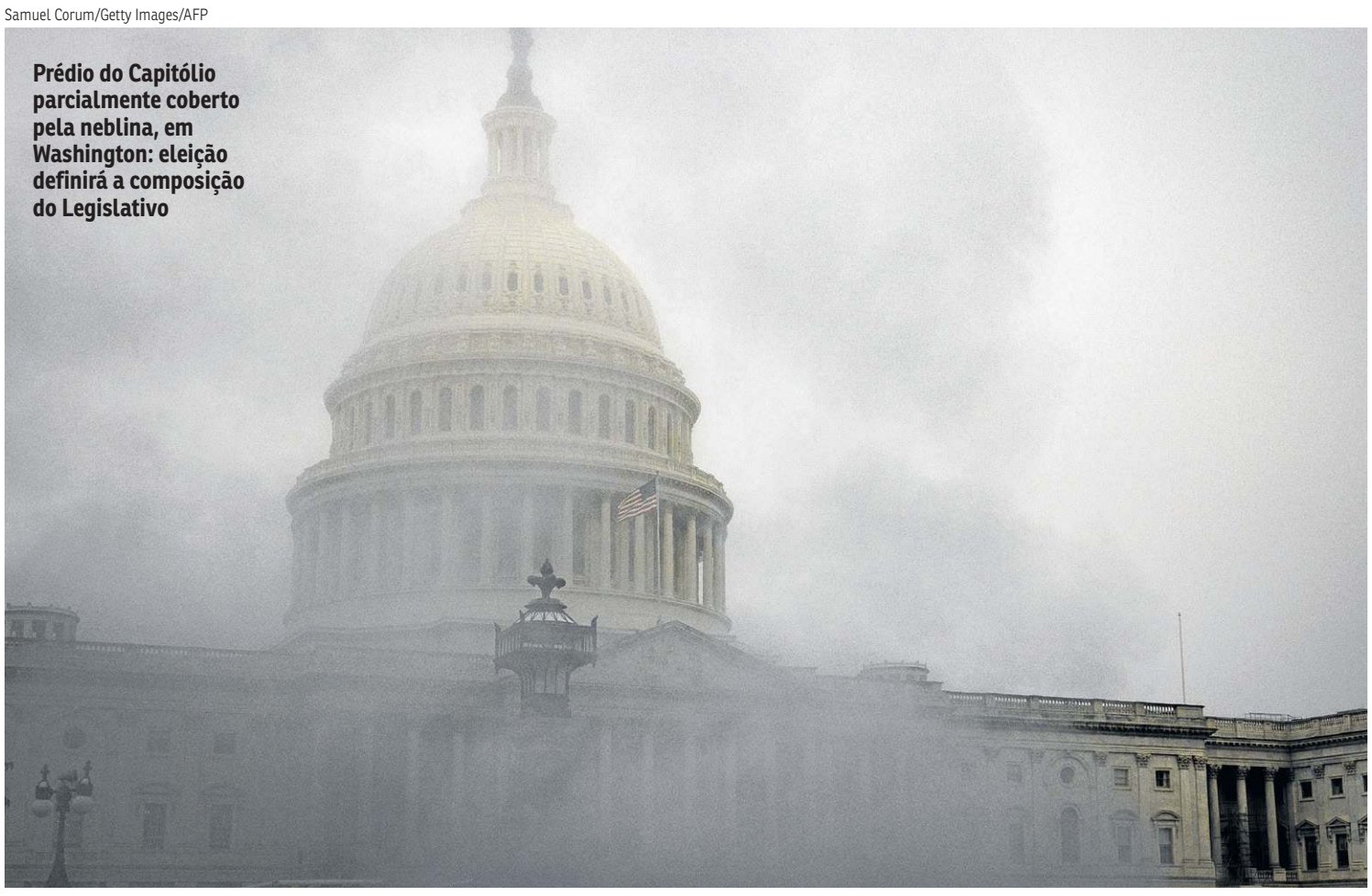
Cautela

Timothy Patrick McCarthy, professor de história americana da Harvard University, atribui aos fenômenos da manipulação e do redistritamento a provável causa da perda de controle democrata na Câmara. O redistritamento é a maneira como se muda os distritos que representam os eleitores. A Constituição dos EUA estabelece que os distritos legislativos tenham populações aproximadamente iguais. "Dado o número extremo de candidatos e de lideranças republicanas neste ciclo eleitoral, bem como outros fatores, estou cautelosamente otimista de que os democratas manterão o controle do Congresso", disse ao **Correio**.

McCarthy prevê que a maioria da Câmara será decidida por uma margem mínima, independentemente de qual partido tem o controle. "Vejo a possibilidade de os democratas conquistarem entre três e quatro cadeiras no Senado. Há uma aumento de afluência democrata na votação antecipada, no registro de novos eleitores e nos resultados de pesquisas em disputas mais apertadas para o Senado, especialmente em Ohio, Carolina do Norte, Flórida, Wisconsin, Arizona e Geórgia. Isso é um bom presságio para democratas na reta final que antecede o dia da eleição", explicou.

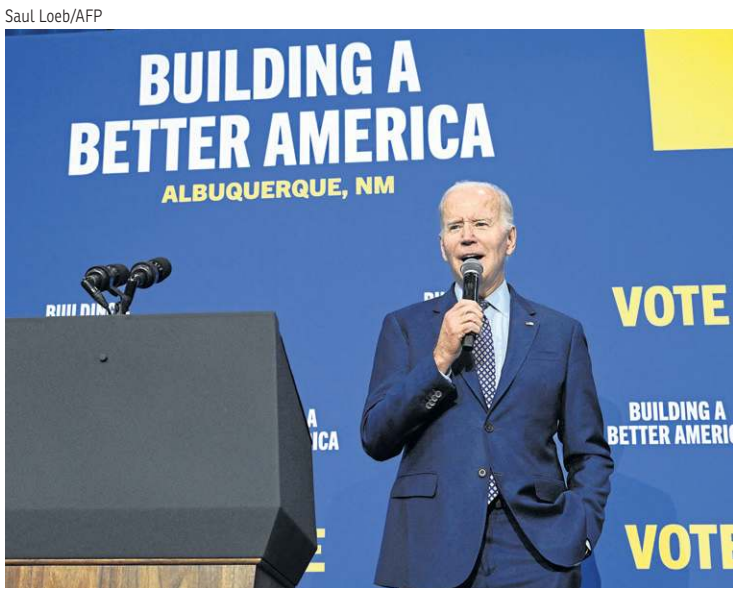
Em caso de os democratas perderem o comando do Senado e da Câmara, McCarthy disse temer que os republicanos farão algo ainda pior com Biden do que transformá-lo em um pato manco. "Eles deixaram claro que pretendem começar os procedimentos de impeachment — por qual razão, não faço ideia — e tentarão reverter, ou revogar, tudo o que o atual governo conquistou na primeira parte do mandato", advertiu. Ainda de acordo com o professor de Harvard, se os republicanos forem fiéis às suas promessas, o retorno deles ao poder no Congresso representaria uma importante ameaça aos direitos humanos, às liberdades individuais, ao Estado de direito e à democracia. "Estamos em um declínio acentuado aqui nos EUA, e maiorias republicanas no Congresso tornariam essa inclinação ainda mais escorregadia."

Samuel Corum/Getty Images/AFP

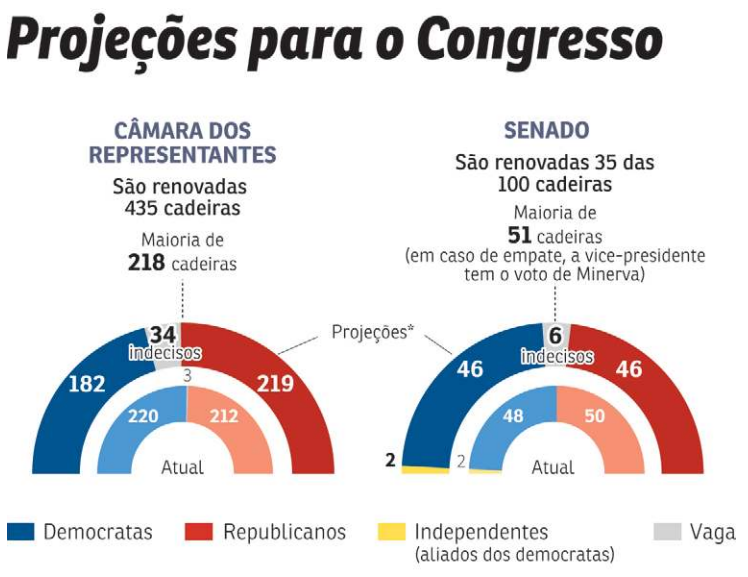


Prédio do Capitólio parcialmente coberto pela neblina, em Washington: eleição definirá a composição do Legislativo

Saul Loeb/AFP



Biden discursa em comício do Partido Democrata, no Novo México



Pontos de vista

Arquivo pessoal



Por David Nickerson

Faca de dois gumes

"Em várias ocasiões, Donald Trump disse que voltará a disputar a Presidência dos EUA em 2024. Não acho que o destino do Partido Republicano nas eleições de meio de mandato vá influenciar sua decisão. Ele se move acordo com as batidas de seu próprio tambor. Uma vitória nas eleições de amanhã será uma faca de dois gumes para os republicanos. Por um lado, podem impedir Joe Biden de obter mais conquistas legislativas. Por outro lado, caso se oponham a medidas populares, os republicanos podem incomodar um grande conjunto de eleitores."

Diretor de Experimentos da campanha de Barack Obama, em 2012, e professor de ciência política da Temple University, em Filadélfia



Por Timothy Patrick McCarthy

Esforço político

"Sou uma exceção, pois não acho que Donald Trump vá fazer uma tentativa séria de retomar a Casa Branca em 2024. É muito mais provável que ele seja indiciado do que eleito. Mais precisamente, uma derrota democrata nas eleições de amanhã pode levar a um esforço de organização ainda mais intenso na esquerda e no centro para impedir que Trump tenha chance de retornar ao poder. Seu reinado foi um desastre na primeira vez. Eu tenho que acreditar que os norte-americanos são mais espertos do que isso. Apesar do estado atual da união, ainda não somos sádicos."

Professor de história americana da Universidade de Harvard

COP27

Últimos oito anos foram os mais quentes da história

A 27ª Conferência sobre Mudanças Climáticas das Nações Unidas (COP27) começou ontem com um forte retrato do desafio a ser enfrentado pelos líderes dos cerca de 200 países participantes. A Organização Meteorológica Mundial (OMM) informou que os últimos oito anos foram os mais quentes da história, com a possibilidade de 2022 ficar na quinta ou sexta posição do ranking.

Trata-se da "crônica do caos climático", na avaliação do secretário-geral da ONU, António Guterres. "No início da COP27, nosso planeta nos envia um sinal de alarme (...) Devemos responder ao sinal de socorro do planeta com ação climática ambiciosa e confiável", disse, em mensagem de vídeo transmitida no primeiro dia da conferência, em Sharm el-Sheikh, no Egito. Guterres enfatizou, ainda, que, para mudar essa situação alarmante, serão necessárias "ações ambiciosas e credíveis" durante o encontro.

Em 2015, em Paris, governos concordaram em manter o aumento da temperatura média global bem abaixo de 2°C acima dos níveis pré-industriais e buscar esforços para limitá-lo a 1,5°C. A temperatura média durante a década de 2013 a 2022 é estimada em +1,14°C.

"As concentrações de CO2 na atmosfera são tão altas que a meta de 1,5°C é quase inatingível", comentou o chefe da OMM, Petteri Taalas. "Já é tarde demais para muitas geleiras, e o derretimento continuará por centenas, ou mesmo milhares de anos, o que terá grandes consequências no abastecimento de água", acrescentou.

2022 sofre a influência, pelo terceiro ano consecutivo, do fenômeno oceânico La Niña, que provoca uma diminuição das temperaturas em algumas regiões do planeta. Ainda assim, a expectativa é de que o ritmo de aquecimento se mantenha. "Em todo o nosso planeta, os recordes estão sendo quebrados à medida que diferentes partes do sistema climático desmoronam", afirmou Mike Meredith, cientista do British Antarctic Survey.

O ministro das Relações Exteriores egípcio, Sameh Choukri, que preside a COP27, conclamou os delegados a tomarem decisões que, de fato, ajudem a reverter esse cenário. "Vamos implementar (nossos compromissos) juntos, pela humanidade e pelo nosso planeta", declarou, durante a plenária de abertura.

No início da COP27, nosso planeta nos envia um sinal de alarme (...) Devemos responder ao sinal de socorro do planeta com ação climática ambiciosa e confiável"

António Guterres,
secretário-geral da ONU